



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**A-TLÉ-TI-CA: Como o movimento atleticano surgiu e se
consolidou em Campo Grande?**

Fernando de Carvalho Corrêa Chaves

Campo Grande
11/2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



A-TLÉ-TI-CA: Como o movimento atleticano surgiu e se consolidou em Campo Grande?

Fernando de Carvalho Corrêa Chaves

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dr. Mário Luiz Fernandes

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Página reservada à colocação da ATA da banca de defesa

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, primeiramente, por sempre me abençoar durante esses anos. Por me dar forças em momentos de tribulação. Me dar sabedoria em momentos de dúvidas. E principalmente por consolar meu coração em momentos de tristeza.

Meu caminho até aqui não foi usual, e por isso gostaria agradecer o apoio de todos os professores durante essa jornada.

Jornada essa, que tive a honra de liderar instituições importantes neste meio. A Liga das Atléticas da UFMS e a de Mato Grosso do Sul, e sou muito grato por toda essa experiência, e todo apoio que recebi.

Muito obrigado aos meus amigos, e a todos que conheci nessa jornada, e que me moldaram como um ser-humano, desde fornecedores até pessoas que levarei pelo resto da minha vida, meus sinceros obrigado!

E por último e não menos importante, ao “Furão”! Me sinto muito honrado por fazer parte dessa linda história.

Vida longa à Associação Atlética Acadêmica de Audiovisual e Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
1. Atividades desenvolvidas	7
1.1 Execução	7
1.2 Dificuldades encontradas	7
1.3 Objetivos alcançados	7
2. Suportes teóricos adotados	8
Considerações finais	9
Referências	10
Anexos	12
Apêndice	13



RESUMO:

O seguinte trabalho busca apresentar o processo de produção de uma grande reportagem que reconstrói a trajetória das Associações Atléticas Acadêmicas e seus impactos em Campo Grande. O trabalho investiga desde a chegada do conceito ao estado, em meados dos anos 2000, até o *boom* vivido na década de 2010, até a presente data. A metodologia combina pesquisa sobre esporte universitário, levantamento de dados sobre expansão do ensino superior e entrevistas em profundidade com fundadores, atletas, gestores públicos e comerciantes que são impactados por essas instituições. O produto final busca mostrar como as Atléticas funcionam como espaços de sociabilidade, formação, pertencimento e circulação econômica, revelando também desafios estruturais, mudanças geracionais e a necessidade de maior apoio institucional no cenário pós-pandemia.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação; Grande Reportagem; Esporte Universitário; Associações Atléticas Acadêmicas; Campo Grande.



INTRODUÇÃO

As Associações Atléticas Acadêmicas (AAA) são entidades estudantis dedicadas à promoção de atividades esportivas no ambiente universitário. Essas organizações têm como finalidade incentivar a prática de esportes entre estudantes por meio da organização de treinos, jogos, viagens e competições (Oliveira, 2016). Estruturalmente, tratam-se de instituições apolíticas, autônomas e sem fins lucrativos, formadas por alunos de cursos de graduação presenciais e organizadas por meio de uma diretoria composta por diferentes funções responsáveis pela gestão esportiva, administrativa e financeira. Para garantir sua manutenção, as Atléticas realizam eventos, comercializam produtos e desenvolvem planos de associação, modelo semelhante ao programa de sócio-torcedor presente em clubes profissionais.

A relevância do esporte universitário é amplamente reconhecida pela literatura especializada. Hatzidakis (1993) destaca que a prática esportiva no ensino superior atende necessidades de intercâmbio, integração física, cultural e social entre estudantes. Ribeiro e Marin (2012) acrescentam que o esporte universitário funciona como ferramenta de socialização, complementando a formação acadêmica ao fornecer experiências de coletividade, cooperação e pertencimento. No contexto brasileiro, essa prática recebeu marco jurídico ainda nos anos 1940, quando o Decreto-Lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941¹, criou a Confederação dos Desportos Universitários (atual CBDU) e mencionou pela primeira vez as Associações Atléticas Acadêmicas como organizações previstas para existir nas Instituições de Ensino Superior (IES). Esse decreto estabeleceu que cada IES deveria possuir uma AAA organizada pelos próprios estudantes, oficializando a presença dessas entidades no ambiente educacional.

Em Mato Grosso do Sul, um levantamento realizado pela Euphoria Eventos (2021)² identificou a existência de 110 Atléticas em funcionamento, colocando o estado como o quinto com maior número de entidades desse tipo no país. Campo Grande concentra 54 delas, o que a torna a terceira capital brasileira com mais AAAs, ficando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses números revelam a ampla disseminação do movimento atleticano e sugerem que

¹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13617.htm. Acesso em: 12 de abr. de 2024.

² Estudo realizado pela empresa para a organização da *Ueb League* e distribuído para os representantes das atléticas mapeadas. A Ueb League foi um campeonato nacional interatléticas de jogos eletrônicos realizado em 2020 e 2021.



grande parte da população campo-grandense tem contato direto ou indireto com essas organizações.

Apesar dessa forte presença, inexistem registros públicos sobre a história das Atléticas em Mato Grosso do Sul ou mesmo sobre suas trajetórias específicas dentro de Campo Grande. Na imprensa local, o tema aparece apenas de forma episódica, sem construção de memória coletiva. As próprias AAAs também não possuem sistemas formais de documentação histórica. O historiador, Marcos Oliveira³, aponta os prejuízos que podem ocasionar nessa falta de registro histórico dessas organizações.

“O principal prejuízo é a perda da história de criação dessas Atléticas. Porque existe um negócio na história que é chamado de tradição oral. Um exemplo disso, é que algumas sociedades africanas, indígenas não têm registros escritos, porém elas têm membros dentro das suas comunidades que são especialistas em transmissão da história por meio da fala, de contos, músicas, poemas, esse tipo de coisa. E aqui no Brasil a gente não tem esse costume, essa tradição. Então acaba que pela falta de um registro, de algum tipo de documentação, ou qualquer coisa nesse sentido, fica uma história de boca a boca. E essa história de boca a boca pode virar um telefone sem fio, trazer informações que não aconteceram, trazer fatos que aconteceram de uma maneira, mas eles são transmitidos de outra maneira.”

Essa lacuna contrasta com o impacto social, econômico e esportivo dessas organizações. Após cinco anos de vivência direta no meio atleticano, observou-se que as AAAs vão muito além da prática esportiva: moldam experiências universitárias, criam redes de sociabilidade, influenciam trajetórias profissionais, movimentam a economia local por meio de campeonatos e eventos e contribuem para consolidar identidades estudantis. Essa percepção motivou a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

O presente estudo busca preencher essa lacuna histórica ao reconstruir a trajetória das Atléticas em Campo Grande. Para isso, desenvolveu-se uma grande reportagem sustentada por pesquisa documental, análise de acervos disponíveis, levantamento histórico, consulta a bases públicas do ensino superior e, principalmente, entrevistas com personagens centrais do movimento. Entre eles, o fundador da primeira Atlética da capital — Fábio Cordeiro, criador da AAA de Medicina da UFMS em 2005 — e diretores que participaram do “boom” atleticano entre 2010 e 2013, *coincidindo com o Enem se consolidando como a principal porta de entrada nas*

³ Entrevista realizada para a grande reportagem



*Universidades Públicas*⁴, como João Marcelo Sanches e Luísa Bruschi. Também foram ouvidos diretores do “período recente”, como Lucas Camargo e Gabriel Fernandes, além de atletas universitários de alto rendimento, como Maria Eduarda Marcondes.

Assim, este relatório se propõe a documentar uma história ainda não escrita, articulando memória, transformação social, práticas culturais estudantis e esporte universitário. Ao registrar a evolução das Atléticas em Campo Grande, desde suas primeiras iniciativas nos anos 2000 até sua consolidação no presente, o trabalho contribui para a valorização dessas entidades e oferece base para novas pesquisas nas áreas de comunicação, juventude, esporte e cultura universitária no Mato Grosso do Sul.

⁴ Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/educacao/ufms-vai-aceitar-o-enem-no-vestibular-de-2011/71525>. Acesso em: 25 de outubro de 2025.



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2025 não seguiram o cronograma previsto, e tiveram que se adequar ao processo jornalístico e as intempéries da vida ocorrida durante a realização do trabalho. A primeira etapa consistiu em uma pesquisa exploratória prolongada, realizada durante vários meses, com o objetivo de identificar os fundadores das primeiras Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) de Campo Grande. Esse trabalho envolveu levantamento em redes sociais e contato com ex-diretores, já que não havia registros públicos organizados sobre o tema.

As conversas forneceram subsídios narrativos e históricos essenciais para reconstruir a trajetória das Atléticas na capital. As entrevistas foram transcritas pelo aplicativo Transkriptor, o que deu uma agilidade enorme. A pesquisa documental ocorreu simultaneamente, com consulta a legislações e dados do Censo da Educação Superior (Inep). A redação da grande reportagem e a elaboração deste relatório foram desenvolvidas entre outubro e novembro, consolidando todo o percurso investigativo.

1.1 Execução:

A execução deste trabalho seguiu procedimentos característicos da prática jornalística. No início, elaborei um roteiro-base de perguntas destinado a diferentes perfis de entrevistados: fundadores das primeiras Atléticas de Campo Grande, ex-diretores, atletas universitários e representantes do poder público envolvidos com o esporte. O objetivo era garantir que temas essenciais, como criação das entidades, apoio institucional, gestão interna, expansão do movimento e impacto social, fossem discutidos.

Apesar desse planejamento inicial, optei por conduzir as entrevistas de forma semiestruturada. Minha vivência de quatro anos dentro do meio atleticano permitiu que as conversas fluíssem naturalmente, muitas vezes guiadas pelas próprias lembranças dos entrevistados e pelas dúvidas que surgiam conforme eles relatavam episódios pouco conhecidos da história das Atléticas em Campo Grande.

Ao longo do processo, realizei mais de dez entrevistas, a maioria com duração próxima de uma hora. A etapa de escuta, transcrição e análise exigiu esforço contínuo: foram cerca de cem



horas dedicadas à decupagem integral do material, identificação de trechos relevantes, organização temática das falas e cruzamento com a pesquisa documental realizada paralelamente.

Também desenvolvi notas de campo durante as conversas, registrando percepções, lacunas de memória, divergências e informações que precisavam ser verificadas posteriormente. Esses apontamentos ajudaram a estruturar o percurso narrativo da reportagem e a definir quais aspectos precisariam de complementação em etapas futuras. Além das entrevistas, solicitei documentos pessoais, que posteriormente foram fornecidos, em parte, pelos entrevistados, como fotos, registros de reuniões, prints de conversas e estatutos antigos, que ajudaram a embasar a reportagem. Com base nesse conjunto de informações, organizei um mapa mental que guiou a redação final da grande reportagem, distribuída em eixos temáticos que refletem a evolução histórica das Atléticas na capital sul-mato-grossense.

1.2 Dificuldades Encontradas

A realização deste trabalho apresentou desafios que impactaram diretamente o desenvolvimento do produto e o cumprimento dos prazos estabelecidos. A primeira dificuldade esteve relacionada à minha própria percepção inicial do projeto. Por ter permanecido por vários anos dentro do meio atleticano, imaginei que a coleta de informações seria mais rápida e simples. Acreditei que meu relacionamento prévio com diretores e ex-diretores facilitaria o acesso às fontes e permitiria um avanço acelerado da pesquisa. Essa impressão se mostrou equivocada e contribuiu para que eu subestimasse o tempo necessário para execução do trabalho.

A procrastinação se tornou um obstáculo central. Ao acreditar que dominava o tema e que grande parte das informações seria de fácil obtenção, posterguei etapas fundamentais da pesquisa. O acúmulo de tarefas na fase final prejudicou o andamento do projeto e afetou minha rotina pessoal, com impactos no sono, na alimentação e no desempenho geral. O trabalho acadêmico, que exige constância e disciplina, acabou sendo desenvolvido sob pressão, o que poderia ter sido evitado com um planejamento mais rígido.

Do ponto de vista prático, outro desafio relevante foi a conciliação de horários para realização das entrevistas. Como grande parte dos entrevistados trabalha em período integral ou estuda em horários irregulares, encontrar janelas comuns exigiu diversas tentativas, remarcações e adaptações. Da mesma forma, meu próprio horário de trabalho dificultou a disponibilidade para conduzir conversas longas, que, em muitos casos, ultrapassaram uma hora de duração.



Esse desencontro de agendas estendeu o calendário de entrevistas muito além do previsto e impactou diretamente as etapas seguintes, como transcrição, análise e organização do conteúdo. A ausência de registros históricos oficiais também se apresentou como barreira: a maior parte da memória do movimento das Atléticas em Campo Grande está dispersa entre relatos individuais, conversas informais e arquivos pessoais, o que demandou maior esforço na verificação e cruzamento das informações obtidas.

Ademais, tive que conciliar tudo isso enquanto cuido do meu avô, tendo em vista que só mora nós dois e ele precisa de cuidados. Apesar dessas dificuldades, o processo contribuiu para amadurecer minha percepção sobre o rigor metodológico que a produção acadêmica exige e reforçou a importância do planejamento temporal, da organização e da constância na pesquisa jornalística.

1.3 Objetivos Alcançados

Os objetivos definidos no pré-projeto orientaram o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso e foram retomados ao longo da execução para avaliar a consistência e o alcance da pesquisa. Considerando o percurso realizado, e inúmeras entrevistas, coleta de relatos orais, análise documental e reconstrução histórica, é possível afirmar que a maior parte das metas foi efetivamente alcançada, resultando em uma grande reportagem inédita sobre o movimento das Atléticas em Campo Grande.

O primeiro objetivo, o de resgatar a história das Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) em Campo Grande, foi plenamente atingido. A partir de entrevistas com fundadores, ex-diretores, atletas e participantes de diferentes gerações, foi possível reconstruir a origem do movimento na capital, identificar o surgimento da primeira atlética em meados de 2004/2005, e mapear sua expansão ao longo das duas décadas seguintes. Dado que não havia registros oficiais ou documentação reunida sobre o tema, o trabalho cumpriu um papel fundamental de preservação histórica, oferecendo o primeiro relato estruturado sobre a formação das Atléticas na cidade.

Outro objetivo que obteve êxito foi investigar o impacto das Atléticas no desenvolvimento profissional, acadêmico e pessoal dos ex-diretores. Os depoimentos coletados demonstraram de maneira consistente que a participação nesses grupos contribui para o desenvolvimento de habilidades de gestão, comunicação, liderança, trabalho em equipe e tomada de decisão, além de ampliar redes de contato e oportunidades profissionais. Os relatos também evidenciaram efeitos



subjetivos importantes, como pertencimento, sociabilidade e fortalecimento emocional, reforçando o papel das Atléticas como espaços de formação cidadã.

Durante o processo, emergiu um objetivo adicional que passou a integrar organicamente o trabalho: a sistematização de uma memória oral do movimento atleticano em Campo Grande. A partir de mais de dez entrevistas extensas, algumas ultrapassando uma hora de duração, foi possível produzir um acervo de relatos que documenta, pela primeira vez, as experiências, desafios, motivações e transformações do meio atleticano ao longo dos anos. Este material não apenas sustenta a grande reportagem, mas também se constitui como uma contribuição inédita para pesquisas futuras.

Quanto aos objetivos de mapear todas as Atléticas em atividade e quantificar a movimentação financeira do segmento, ambos foram explorados no decorrer da pesquisa, mas não puderam ser concluídos integralmente. A ausência de registros oficiais, a constante renovação das diretorias, a criação e extinção frequente de entidades, além da informalidade que ainda marca parte da organização financeira das Atléticas, limitaram a completude desses levantamentos.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

A construção de uma grande reportagem exige embasamento conceitual sólido, especialmente no campo dos estudos do jornalismo. A literatura sobre reportagem fornece os fundamentos que orientam tanto a concepção quanto a execução do produto final, permitindo ao jornalista compreender o gênero, suas funções, suas fronteiras e suas possibilidades narrativas.

Nilson Lage (2001, p. 15) afirma que “a realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção”, enfatizando que a reportagem é o espaço no qual o jornalismo consegue ultrapassar a superfície factual e revelar camadas de sentido. Para Vilas Boas (1996) e Beltrão (1976), a grande reportagem surge justamente como ferramenta para preencher vazios informativos e explorar temas que não cabem no tratamento breve da notícia. Esses autores destacam que o gênero amplia a compreensão do leitor, oferecendo contextualização, aprofundamento e, sobretudo, interpretação fundamentada.

Essa dimensão interpretativa também é ressaltada por Medina (1988, p. 110), ao afirmar que:

“As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da complementação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato.”

A estrutura da reportagem, porém, não se limita ao aprofundamento. Ferrari e Sodré (1986) destacam que a reportagem recupera as informações cotidianas e as aprofunda, observando tanto suas raízes quanto seu desenrolar. Para os autores, a reportagem, embora possa dialogar com o artigo de opinião, na medida em que evidencia a relevância da autoria, não pode contrariar os fatos, pois a avaliação final cabe ao leitor.

Os autores também classificam três modelos fundamentais de reportagem: reportagem de fatos, reportagem de ação e reportagem documental, categorias que não funcionam de modo rígido e, muitas vezes, combinam-se em um mesmo produto. Na grande reportagem deste TCC, há elementos das três: há fatos (fundação das Atléticas), há ação (disputas esportivas, organização de eventos), e há documental (pesquisa histórica, análise de acervos, relatos testemunhais).



Essa articulação entre diferentes formas discursivas aproxima o trabalho do que Coimbra (1993, p.44) define como reportagem dissertativa. Segundo o autor, a reportagem dissertativa “se apoia num raciocínio explicitado através de afirmações generalizantes”, sustentadas por evidências, entrevistas e pesquisa. Coimbra explica ainda que os gêneros narrativo, descritivo e dissertativo coexistem na reportagem, mas a predominância da dissertação marca trabalhos cuja função de informar se combina à necessidade de argumentar, contextualizar e interpretar.

Ou seja, o equilíbrio entre narração, descrição e dissertação não é apenas um recurso estilístico, mas uma exigência do gênero para manter densidade informativa e dinâmica narrativa. Por fim, Coimbra (1993) reforça que a reportagem, inclusive a dissertativa, contém um grau inevitável de subjetividade, assumido pelos próprios jornalistas, desde que essa subjetividade não comprometa a veracidade factual.

Além do roteiro-base, optei por utilizar a entrevista semiestruturada como principal procedimento metodológico. Esse modelo, conforme Triviños (1987), caracteriza-se por combinar perguntas previamente definidas com outras que emergem ao longo da conversa, permitindo aprofundamento e flexibilidade conforme os relatos dos informantes. Essa forma de entrevista é indicada para compreender percepções, vivências e interpretações subjetivas dos atores sociais, uma vez que possibilita ao pesquisador adaptar o diálogo sem perder o foco do problema investigado.

E esse modelo mostrou-se adequada porque o histórico das Atléticas em Campo Grande envolve memórias, episódios pouco registrados documentalmente e narrativas dispersas entre diferentes sujeitos. Assim, a estrutura flexível favoreceu o resgate dessas informações, permitindo que cada entrevistado reconstruísse sua trajetória, trazendo dados factuais, percepções e interpretações necessárias para compreender o processo de formação e consolidação do movimento atleticano na cidade.

Nesse sentido, recorri também às contribuições de Alberti (2005), que destaca como o exercício da memória pessoal ajuda a construir uma compreensão mais ampla sobre o grupo social ao qual o entrevistado pertence. Assim, ao registrar as lembranças dos fundadores, ex-diretores, atletas e demais participantes do movimento atleticano, busquei identificar vínculos, trajetórias, redes de convivência e elementos que ajudaram a dar forma ao ambiente universitário e às práticas das Associações Atléticas Acadêmicas em Campo Grande.



A entrevista, no entanto, não se limita ao campo da memória: é também um instrumento central da prática jornalística. De acordo com Medina (2005), grande parte do processo jornalístico decorre do diálogo entre repórter e fonte, e a qualidade dessa interação determina a capacidade de construir narrativas contextualizadas, capazes de situar o leitor diante dos fatos.

“A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo.”



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso permitiu compreender, de forma ampla e fundamentada, a formação, consolidação e transformação das Associações Atléticas Acadêmicas em Campo Grande. O percurso para alcançar o resultado, baseado em entrevistas extensas, levantamento histórico, análise documental e observação direta, mostrou que as Atléticas constituem um fenômeno social de grande relevância para a vida universitária, apesar da ausência quase total de registros públicos sobre sua trajetória na capital sul-mato-grossense.

O processo de produção dessa grande reportagem revelou um cenário marcado por lacunas históricas, diversidade de experiências e um movimento que se reinventou ao longo das últimas duas décadas. As entrevistas com fundadores, ex-diretores, atletas e outras pessoas demonstraram que as Atléticas surgiram, inicialmente, como iniciativas isoladas de pequenos grupos de estudantes, antes mesmo da consolidação de estruturas formais ou de qualquer reconhecimento institucional. Esse movimento pioneiro ajudou a criar uma cultura esportiva universitária que, com o tempo, se expandiu por diferentes cursos e instituições, assumindo papel central na sociabilidade estudantil.

Ao longo da pesquisa, observou-se que as Atléticas evoluíram de grupos incipientes para entidades capazes de organizar treinos, competições, eventos, festivais esportivos e atividades culturais, mobilizando milhares de estudantes. Os relatos coletados evidenciam que, além de fomentar o esporte universitário, as AAAs exercem impacto direto na formação pessoal e profissional de seus membros, desenvolvendo habilidades de liderança, gestão, comunicação e trabalho em equipe.

Outro resultado importante do trabalho foi a identificação do apagamento histórico do movimento atleticano em Campo Grande. A falta de registros, documentos, arquivos institucionais e materiais preservados pelas próprias entidades dificultou a reconstrução cronológica precisa desse processo. Ainda assim, por meio das entrevistas e da memória oral, foi possível mapear elementos fundamentais da formação das Atléticas e dos Jogos Interatléticas, bem como compreender o contexto em que se deram as primeiras organizações estudantis esportivas na cidade.

Por outro lado, alguns objetivos previstos inicialmente não puderam ser concluídos integralmente, como o levantamento financeiro detalhado das AAAs e a quantificação precisa da movimentação econômica gerada pelos eventos e competições. Ainda que a



apuração tenha revelado indícios claros da relevância econômica do setor, incluindo patrocínios privados, apoio de empresas e circulação de recursos em eventos esportivos e festivos, a ausência de dados sistematizados e de registros contábeis padronizados inviabilizou análises quantitativas mais precisas. Esse ponto se estabelece como recomendação para estudos futuros.

Apesar dessas limitações, o trabalho alcançou resultados consistentes ao resgatar a memória das Atléticas em Campo Grande, documentar parte dessa história pela primeira vez e demonstrar a importância contemporânea das AAAs para o ambiente universitário, para o esporte estudantil e para a dinâmica social da juventude campo-grandense. A grande reportagem sintetiza esse percurso, oferecendo uma narrativa histórica, humana e interpretativa, alinhada às referências teóricas de uma reportagem dissertativa.

A relevância do tema e a carência de registros institucionais evidenciam a necessidade de novas pesquisas que deem continuidade ao que foi iniciado aqui. Este trabalho, portanto, cumpre o papel de inaugurar um processo de documentação e reflexão sobre um fenômeno que faz parte da identidade universitária da capital, ao mesmo tempo em que contribui para preencher um vazio histórico e jornalístico ainda não explorado pela literatura local.



4.REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. São Paulo: FGV, 2005

BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199/41**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país (1941b). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 12 abr. 2024.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

FERRARI, M. H.; SODRÉ, M. **Técnica de reportagem**. São Paulo: Summus, 1986.

HATZIDAKIS, G. Esporte Universitário. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. CONFEF, Rio de Janeiro/RJ, 2006, p. 403-405. Disponível em: <http://www.listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro:Record, 2001.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana industrial**. 5a ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo, SP: Ática, 2004

OLIVEIRA, G. D. **Gestão Organizacional nas Atléticas**: um estudo sobre gerenciamento das Associações Atléticas Acadêmicas do DF. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Departamento de Administração, Universidade de Brasília, Brasília. 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/13959>. Acesso em: 30 de jun. 2024.

RIBEIRO, G. M.; MARIN, E. C. Universidades Públicas e as Políticas de Esporte e Lazer. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, 2012. DOI: 10.35699/1981-3171.2012.711. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/711>. Acesso em: 30 jun. 2024.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILAS BOAS, S. **O Estilo Magazine: o texto em revista**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996. (Novas Buscas em Comunicação).

A-TLÉ-TI-CA! Como o movimento atleticano surgiu e se consolidou em Campo Grande

Atléticas passam de iniciativas estudantis a eixo do esporte e da vida universitária na Capital

Autor: Fernando de Carvalho



Abertura do Jufms em 2025 - Foto: Flash em Forma

O movimento das Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) em Campo Grande começa oficialmente em 2004, quase por acaso. Naquele ano, a Universidade Federal de Goiás (UFG) organizou o primeiro Intermed Centro-Oeste — jogos interestaduais que reúnem atléticas de Medicina da região — e precisava de uma instituição sul-matogrossense para compor o torneio.

“A primeira vez que eu ouvi falar de atlética foi

quando a UFG entrou em contato com o Centro Acadêmico de Medicina (Camed) para chamar a gente para o primeiro Intermed Centro-Oeste, em 2004”, recorda Fábio Cordeiro, então acadêmico de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Naquele ano, os estudantes viajaram a Goiânia representando o curso apenas como centro acadêmico, sem qualquer estrutura semelhante às de outras instituições que já

possuíam atléticas consolidadas há alguns anos.

O impacto da experiência foi imediato. Em 2005, inspirados pelo que presenciaram no Intermed, os estudantes decidiram fundar a primeira Associação Atlética Acadêmica de Campo Grande: a Atlética de Medicina da UFMS (Pintada). A criação ocorreu praticamente do zero, sem referências locais ou modelo institucional para seguir. *“Eu que fiz 100% do estatuto”,* lembra.

Ele vasculhou a internet atrás de documentos de atléticas do Sul e do interior de São Paulo e montou um mosaico jurídico que serviu de base para a entidade.

O processo de formalização levou mais tempo do que o previsto. Embora a Atlética tenha sido criada em 2005, a homologação só foi concluída em 2006, já sob uma diretoria renovada, com calouros assumindo funções e a consolidação da associação como entidade sem fins lucrativos.

Antes mesmo da formalização, já havia na Medicina uma cultura esportiva interna consolidada. Os estudantes organizavam campeonatos entre turmas — embriões do que mais tarde ficaria

conhecido como Intermed Pantanal. “*Quando a gente criou a Atlética, o pessoal já estava acostumado a jogar*”, relembra Fábio. Essa tradição facilitou a transição para competições regionais mais estruturadas.

O Intermed Pantanal logo se tornou o principal evento esportivo da Medicina, reunindo turmas da UFMS, da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp) e da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Enquanto isso, a Atlética direcionava forças para o Intermed Centro-Oeste, que aos poucos se transformaria no grande objetivo esportivo do curso. O futsal virou símbolo da entidade, acumulando vice-campeonatos

consecutivos mesmo diante de atléticas muito mais antigas.

O pioneirismo da Medicina abriu caminho para a expansão do movimento em Mato Grosso do Sul. “*Teve um boom entre os cursos de Medicina. A nossa foi a primeira. Depois veio Dourados, depois a Uniderp, e aí começou a ir para as outras faculdades*”, afirma Fábio. Com a primeira Atlética criada e competições se multiplicando, outros cursos passaram a estruturar suas próprias associações — num processo que, alguns anos depois, resultaria na explosão das Atléticas além da Medicina, especialmente nos cursos de Direito, Engenharias, Enfermagem e, mais tarde, Jornalismo da UFMS.



Uma das primeiras competições da Medicina UFMS - Foto: Arquivo Pessoal

A expansão das Atléticas em Mato Grosso do Sul

As Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) são entidades estudantis autônomas e sem fins lucrativos, organizadas por alunos de cursos de graduação com o objetivo de integrar estudantes por meio do esporte, da convivência social e de atividades culturais. Embora sejam amplamente associadas a festas, farras, treinamentos e competições universitárias, seu papel vai além das quadras: as Atléticas também atuam na promoção de eventos, viagens, ações sociais e espaços de sociabilidade que fortalecem a vida acadêmica.



Torcida acompanhando o JIUFMS 2024 -
Foto: Laura Bittar

Em Mato Grosso do Sul, a presença dessas entidades é expressiva. Um levantamento realizado pela empresa paranaense Euphoria Eventos, em 2021, durante a organização da UEB League (campeonato nacional interatléticas de jogos eletrônicos) identificou 110 Atléticas em funcionamento no estado, colocando MS como o quinto estado com maior número de AAAs no país.

Campo Grande concentra 54 entidades, tornando-se a terceira capital com mais Atléticas no Brasil, atrás apenas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Esse número elevado está diretamente ligado à expansão do ensino superior no estado. De acordo com o Censo da Educação Superior (INEP), Mato Grosso do Sul passou de 56 Instituições de Ensino Superior (IES) em 2010 para 111 em 2024, quase o dobro em 14 anos. A oferta de cursos aumentou mais de 400%, alcançando 3.174 graduações em 2024.

Na capital, o crescimento é ainda mais expressivo: houve aumento de 188% no número de IES e de 586% nos cursos ofertados. No mesmo

período, o número de estudantes matriculados saltou de 48 mil para 68 mil.

Com mais cursos, mais instituições e mais estudantes, uma nova dinâmica universitária se estabelece. Repúblicas se multiplicam, centros acadêmicos ganham força, grupos culturais se ampliam e novas formas de lazer estudantil ganham espaço. É nesse ambiente que as Atléticas se consolidam como protagonistas da experiência universitária: criam times, organizam campeonatos, promovem festivais, articulam torcidas, formam baterias, mobilizam viagens e se tornam referência de pertencimento.

Estudo conduzido por Matheus Guimarães Lima (UFGD) sobre a “cultura do lazer universitário” reforça esse papel ampliado. O pesquisador aponta que o movimento das Atléticas não se limita à prática esportiva: ele estrutura redes de convivência que articulam esporte, lazer, identidade coletiva e integração acadêmica. Em outras palavras, as Atléticas organizam mais do que jogos, organizam experiências que marcam a trajetória dos estudantes.

O boom das Atléticas em Campo Grande

Se a Atlética de Medicina abriu a “porteira” para o movimento ainda em meados dos anos 2000, foi somente na década seguinte que o cenário mudou de patamar. Entre 2010 e 2013, a UFMS viveu um processo que muitos ex-diretores descrevem como o “boom das Atléticas”: de poucas entidades isoladas para um campus onde praticamente cada curso queria seu próprio mascote, suas cores e sua bateria.

A expansão foi rápida, ruidosa e transformou de forma permanente a experiência universitária na Capital.

O curso de Direito foi um dos primeiros a engrossar essa nova fase. No começo da década de 2010, estudantes criaram a Canaaa (Carlos Anzoategui Neto Associação Atlética Acadêmica). A bateria tornou-se uma das primeiras a ocupar pátios, jogos e eventos, ajudando a definir a estética atleticana da UFMS nos anos seguintes.

No mesmo período, as Engenharias seguiam caminho semelhante. Bruno Oliveira, um dos fundadores da Associação Atlética Acadêmica das Engenharias da UFMS (AaaEng), lembra que a expansão não ocorreu

apenas por interesse interno, mas também por mudanças externas que transformaram a universidade.

Para ele, a consolidação das Atléticas está diretamente ligada ao fluxo crescente de estudantes atraídos pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

“Com o Enem, muita gente do interior passou a vir estudar em Campo Grande. Isso ajudou a consolidar as Atléticas porque aumentou o número de alunos e criou uma vida universitária muito maior”, afirma.

Segundo ele, esse novo cenário trazia mais jovens circulando pela Capital, participando de campeonatos e buscando integração — fatores que fortaleceram o ambiente para o surgimento de novas entidades.

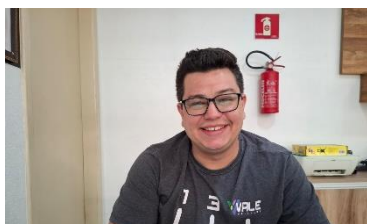
É nesse mesmo contexto que começam a nascer as primeiras Ligas das Atléticas, organizações intercursos fundamentais para organizar campeonatos e padronizar regras. Naquele momento, tomava forma a Liga das Atléticas de Mato Grosso do Sul (Lams), em meados de 2012, responsável por articular atléticas de diferentes faculdades e cidades do estado, e também o embrião da futura Liga das Atléticas da UFMS (Laufms), que cresceria de forma acelerada nos anos seguintes. Para muitos estudantes, participar de uma Liga

significava entrar em uma estrutura mais ampla, que possibilitava jogos maiores, representatividade formal e capacidade de negociação com empresas, ginásios e instituições públicas.

Outro marco decisivo daquele período foi o surgimento da Calourada da UFMS, evento que se tornaria uma das maiores recepções universitárias do estado. Bruno recorda que a festa nasceu dentro da Engenharia, ainda de forma experimental, e foi crescendo a ponto de atrair milhares de estudantes.

“A Calourada começou lá dentro da Engenharia, bem pequena, coisa de curso mesmo. A gente fazia porque gostava do movimento. Só que o evento foi crescendo muito rápido. Cada edição vinha mais gente, e aí começou a chegar aluno de outros cursos, depois de outras faculdades. Quando vimos, já não fazia sentido ser só da Engenharia. Aí anos depois passou para a Laufms organizar, porque já tinha virado um evento do campus inteiro. E aí tomou uma proporção enorme. Hoje todo mundo que entra na UFMS já espera pela Calourada. Virou tradição.”

Enquanto esses movimentos estruturantes se consolidavam, a Enfermagem também escrevia sua história. Luísa Bruschi, fundadora da MAGAAA (Maria Auxiliadora Gerak Associação Atlética Acadêmica), conheceu o



Bruno Oliveira nos tempos atuais -
Foto: Fernando de Carvalho

universo atleticano ao assistir a jogos da Atlética das Engenharias. A reação foi imediata.



Arte da Calourada 2012 - Foto: Reprodução/Arquivo Pessoal

“Eu fiquei alucinada, porque sempre fiz esporte a vida inteira. Quando vi aqueles jogos, pensei: ‘Meu Deus, dá pra jogar esporte também na faculdade’”, lembra. A partir dali, decidiu criar uma Atlética no curso, enfrentando o desafio de convencer colegas a participar.

“Foi mais trabalhoso convencer as pessoas do que montar o estatuto. A parte burocrática eu tive ajuda de diretores de outras atléticas. O difícil era fazer a galera acreditar”, relata. Em 2013, após dois anos de organização, a entidade foi registrada oficialmente. Essa fase marca a mudança de escala dentro da UFMS. Se até o fim dos anos 2000 apenas as Medicinas

tinham atléticas consolidadas, a partir da década de 2010 movimento se espalhou. Direito, Engenharias, Farmácia, Medicina Veterinária, Enfermagem, Administração, e diversos outros cursos passam a fundar suas próprias entidades. O campus se transforma: surgem novas bandeiras, baterias disputam espaço em festas e jogos, campeonatos florescem e rivalidades começam a formar a cultura que se tornaria característica da universidade.

A expansão, porém, foi marcada por imprevisto e sacrifício pessoal. Era comum que diretores bancassem do próprio bolso despesas de cartório,

uniformes, bolas, inscrições e viagens. *“Eu tirei muito dinheiro do meu bolso pra fazer as coisas acontecerem, dinheiro que eu nunca mais vou ver na vida, mas tudo bem”*, resume Luísa.

Para quase todos os cursos, festas open bar (Festas universitárias com atrações musicais, e bebidas a vontade, até o fim da festa, seja cerveja, em alguns casos, e bebidas feitas pelas próprias atléticas, a base de vodka), rifas, treinos improvisados e reuniões noturnas eram elementos centrais do início da trajetória, tudo mantido paralelamente à rotina de provas, estágios e trabalhos acadêmicos.



Arte da Calourada 2020 - Foto: Arquivo Pessoal

A criação da “Atlética do amor”

Nesse cenário de expansão do movimento atleticano na UFMS, o Jornalismo ainda era um ponto fora da curva. O curso formava repórteres apaixonados por esporte, mas não tinha um único time organizado, nem bateria, nem festas próprias.

Foi nesse contexto que o então acadêmico João Marcelo Sanches ouviu, pela primeira vez, a palavra “Atlética” em Campo Grande. Ele havia acabado de voltar de uma faculdade no Rio de Janeiro, onde a lógica era bem diferente.

“Na faculdade que eu fazia lá no Rio, a Atlética era meio que um setor do Centro Acadêmico. O CA, que era o mais importante, fazia festa, fazia calourada. Aqui era o contrário: a festa era da Atlética, a bateria era da Atlética. Aquilo me chamou atenção”, lembra.

O primeiro contato prático veio pelo Direito. João era amigo de um dos fundadores da Canaaa e passou a frequentar as festas e a tocar na bateria da Atlética. Ao mesmo tempo, olhava para o próprio curso e enxergava um vazio. O curso de jornalismo não tinha times, não tinha campeonatos internos, não tinha um espaço estruturado para reunir quem gostava de esporte e de vida universitária. *“Eu sabia que um monte de gente gostava de jornalismo esportivo dentro da faculdade. Como não tinha disciplina de jornalismo*

esportivo, organizar esporte seria um jeito de juntar essa galera com um gosto em comum”, explica.

A primeira tentativa de tirar a Atlética de Jornalismo do papel aconteceu em 2012. João convocou uma assembleia aberta no Centro Acadêmico do curso, numa sala pequena ao lado dos laboratórios, e cerca de seis estudantes apareceram.

O grupo era pequeno, mas o encontro acabou definindo a identidade que seria levada adiante. *“Alguém sugeriu o furão por remeter a furo de reportagem. Ai todo mundo que estava lá concordou que era uma ideia ‘da hora’”, recorda.*

Nas cores, o plano inicial era o azul-celeste, inspirado no uniforme da seleção uruguaia. A proposta, porém, foi derrotada em votação, e prevaleceram o grená e o branco.

Enquanto a identidade visual começava a tomar forma, a burocracia travava o processo. A experiência acompanhando a criação de outras atléticas deixou em João uma visão rígida sobre o que era “ter uma Atlética de verdade”. *“Eu fiquei com essa coisa de precisar achar 12 pessoas interessadas que vão assinar uma ata, que vão se responsabilizar. E nessa hora a galera sempre pulava fora”, admite.* Assembleias eram marcadas, diretoria era esboçada, mas na hora de formalizar a entidade em cartório, o entusiasmo diminuía. A

Atlética de Jornalismo parecia condenada a permanecer na gaveta das boas ideias.

Mesmo o mascote, hoje consolidado como um dos símbolos mais conhecidos do curso, passou por um processo pouco convencional. João pediu a um colega do curso que desenhasse um furão que fugisse do padrão “bicho bombado” das outras atléticas. *“A única coisa que eu queria é que ele não fosse musculoso. Eu achava muito feio os mascotes parecendo um fisiculturista, que não tinham nada a ver com universitário. Universitário, em média, não é musculoso; é um magrinho cachaceiro”, brinca.*

Gustavo acabou encontrando na internet a arte de um furão que agradou ao grupo, vetorizou a imagem e adaptou o desenho, que se tornaria, dali em diante, o rosto oficial da Furão.

O quadro mudou em 2013, com a chegada de uma nova turma. Os calouros não queriam discutir se fazia sentido ter atlética, queriam saber como financiar a criação da entidade. Em vez de esbarrarem na burocracia, propuseram uma solução típica do universo atleticano: uma festa open bar. *“Elas falaram: ‘A gente vai fazer um open bar e o que arrecadar a gente dá para a Atlética’. Deu super certo”, conta.*

Com o dinheiro em caixa, foi marcada a

Assembleia de Criação, desta vez em espaço aberto, na concha acústica da UFMS. Cerca de vinte estudantes compareceram. João leu, artigo por artigo, o estatuto, adaptado a partir do modelo da Canaaa, e anunciou a primeira diretoria, que misturava calouros e veteranos.

A partir daquele momento, a Atlética de Jornalismo deixava oficialmente de ser apenas um rascunho: passava a existir como associação registrada, cargos definidos e uma base mínima de associados.

O começo, porém, esteve longe de ser confortável. Com poucos recursos e pouca tradição esportiva estruturada no curso, a Furão precisou se equilibrar entre a vontade de crescer e o medo do prejuízo. A primeira grande aposta foi a festa “Pauta Livre”, pensada para ser o evento de assinatura da Atlética e gerar receita para montar uma bateria própria. João colocou dinheiro do próprio bolso para viabilizar a estrutura, apostando que o retorno viria com um público numeroso. A estratégia, no entanto, esbarrou na concorrência: uma festa da Administração, foi marcada para a mesma data, dividindo o público universitário. *“A gente esperava umas 500 pessoas e foram tipo 200. Ai a gente tomou um baita prejuízo. A Atlética passou o ano inteiro me devendo dinheiro, mas foi uma escolha nossa, porque a gente queria fazer a coisa crescer”*, relata.

Mesmo com as dificuldades financeiras, o Furão rapidamente assumiu um papel central na dinâmica do curso. A Atlética passou a organizar times para disputar o Jogos Interatléticas da UFMS (Jiufms), tentou criar treinos regulares e se tornou um espaço de encontro entre gerações que, até então, mal se conheciam.

“A minha experiência na faculdade tem o antes e o depois da Atlética. Antes eu falava com pouca gente. Depois, a gente fazia amizade com gente de vários anos e até de outros cursos”, resume João.

Com mais de 10 anos de existência, a agora, Atlética de Comunicação (com a entrada do curso de audiovisual no estatuto da AAA) já tinha deixado de ser apenas um experimento de meia dúzia de estudantes para se tornar uma instituição afetiva do curso, reconhecida dentro da UFMS pelas festas, pelas participações em campeonatos e pela bateria. Para João e a primeira geração de diretores, ver o mascote estampado em camisetas, bandeiras e fotos de calouros que nunca os conheceram é a confirmação de que o esforço valeu a pena. *“É muito massa ver a marca por aí. A pessoa não sabe quem eu sou, não sabe quantos anos tem essa história, mas é exatamente isso que a gente imaginava: que um dia a Atlética ia ficar grande dentro do possível e fazer parte da memória de quem passa pelo Jornalismo”*, conclui.



Primeiro mascote da Atlética de Jornalismo – Foto: Reprodução: Redes Sociais

Um lugar para chamar de l(b)ar

Com o boom das Atléticas em Campo Grande, faltava algo que nenhuma diretoria conseguia construir dentro do campus: um ponto de encontro. Um lugar fixo, reconhecido, onde estudantes pudessem se reunir depois das aulas, fazer reuniões, comemorar vitórias e, principalmente, se reconhecer como comunidade. Antes dos ônibus cheios rumo aos jogos, das baterias ecoando pelos corredores e das festas que se tornariam marca registrada do movimento universitário, as Atléticas precisavam de uma casa. Foi assim que o Batata + entrou na história.

A trajetória de Grazielle Soares, a Grazi, começa em 2007, quando ela chega ao ponto da Moraes de Barros apenas para ajudar dois amigos que tentavam abrir um pequeno bar. O negócio falhou em menos de um ano, deixando dívidas e um espaço praticamente vazio.

Sem receber o que havia investido e com pouco mais de cem reais na conta, ela decidiu ficar. Reabriu o local do zero, vendendo marmitas e improvisando com o pouco que havia restado.

“Eu não tinha nada. Eu vendia duas, três marmitas por dia e dizia pra mim mesma: eu vou fazer desse ponto o maior ponto de Campo Grande”, recorda.

O renascimento do bar começou quando ela registrou o CNPJ e criou o nome “Batata Mais”, apostando na batata recheada como produto principal. Com o tempo, o público estudantil apareceu naturalmente, primeiro pelo almoço — já que o Restaurante Universitário da UFMS estava desativado havia anos. Depois, vieram as noites animadas por grupos de estudantes que buscavam um lugar acessível e acolhedor.

Foi nesse contexto que a porta das Atléticas se abriu. Grazi já havia sido apresentada ao universo atleticano por Bruno Oliveira, da A, mas ainda não tinha dimensão do que aquilo significava.

A virada veio quando a Engenharia passou a frequentar o Batata de forma

constante. Em uma conversa de balcão, surgiu a ideia que mudaria a relação do bar com todo o movimento: colocar na parede o letrero “Bar Oficial da Engenharia”.

“A gente sentou num sábado e eu falei: e se a gente colocar um logo na parede? O Bruno levantou na hora e disse: bingo!”, lembra ela. A placa inaugurou uma nova fase. A Engenharia adotou o Batata como ponto de encontro e, em seguida, Direito e Medicina fizeram o mesmo. Em pouco tempo, dezenas de atléticas passaram a bater na porta, querendo seu espaço na parede.

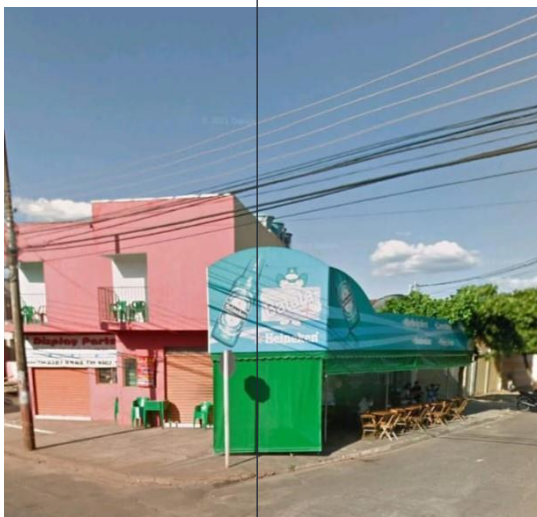
A partir dali o bar cresceu junto com o próprio boom atleticano. Logos, bandeiras e mascotes tomaram conta do ambiente, e as carteirinhas das Atléticas passaram a valer

como carteirinha de desconto no Batata, aproximando ainda mais estudantes e diretoria. Cursos menores (Cursos que geralmente entram apenas uma turma por ano, e turma pequena, ainda por cima) que nunca haviam pensado em criar uma Atlética, começaram a fundar as próprias entidades — muitas vezes motivados, justamente, pela vontade de “ter o logotipo no Batata”.

“Eu via a alegria deles. Eles chegavam e diziam: ‘Grazi, olha minha carteirinha, eu sou sócio do Batata’. Aquilo me emocionava”, conta.

O lugar cresceu tanto quanto as Atléticas cresceram nele. O bar passou por reformas, reorganizações e mudanças de estrutura, até que a placa definitiva foi instalada: Batata + o Bar das Atléticas.

Com o passar dos anos, o Batata se tornou mais que um ponto comercial: virou memória afetiva. Gerou amizades, acolheu vitórias e derrotas em competições, funcionou como escritório improvisado das diretorias e central de vendas de ingressos. Tornou-se, acima de tudo, território emocional.



Fachada do bar no início - Foto: Reprodução/Arquivo

Do campus aos Jogos Universitários

Enquanto as Atléticas ganhavam espaço nos campi, o esporte universitário brasileiro também vivia um processo de expansão. Nos últimos anos, competições regionais e nacionais passaram a reunir milhares de estudantes em dezenas de modalidades, espalhadas por todo o país.

Em 2025, o Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) levou mais de sete mil atletas, de 310 universidades, ao Rio Grande do Norte. A criação do JUBs Atléticas, em 2023, consolidou de vez essas entidades como protagonistas esportivas dentro do ambiente universitário nacional.

Nomes que mais tarde se tornariam ídolos do esporte brasileiro – como Bernardinho, Daiane dos Santos, Fernando Scherer, Maurren Maggi, Arthur Nory e Arthur Zanetti – iniciaram suas trajetórias competitivas em quadras, piscinas e ginásios vinculados às universidades. Para Campo Grande, essa conexão com o esporte de alto nível se tornou uma oportunidade para aproximar estudantes, revelar talentos e profissionalizar modalidades que antes dependiam apenas de esforço voluntário.

Com as atléticas mais consolidadas dentro da UFMS e das instituições privadas da cidade, começou também uma nova etapa: as viagens para competir fora do estado. A partir da metade da década de 2010, delegações sul-

mato-grossenses passaram a cruzar fronteiras em direção a disputas regionais e nacionais, colocando Mato Grosso do Sul no mesmo cenário de estados com tradição histórica no esporte universitário.

Lucas Camargo, ex-presidente da Atlética das Engenharias (AAAE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi um dos responsáveis por conduzir esse movimento. No início, a Atlética representava apenas a Engenharia Civil.

A percepção de que outros cursos precisariam estar juntos para competir em alto nível mudou tudo. “A gente percebeu que, se juntasse, ia ficar

muito mais forte para os jogos de fora do estado, que a gente tinha começado a disputar”, recorda.

Assim nasceu a AAAE, estrutura que permitiu montar delegações mais robustas para torneios como o Torneio das Engenharias do Centro-Oeste (TECO) e competições em Minas Gerais.

O resultado veio rápido. “A gente foi campeão Centro-Oeste em 2015. Foi meu primeiro campeonato como presidente”, diz Camargo. Em Minas Gerais, a surpresa foi o profissionalismo. “O Engenharíadas Mineiro foi o evento mais profissional em que a gente participou. O nível lá era muito alto.



Final de Handball entre AAAENG E AAACOMP no Jufms 2024 - Foto: Laura Bittar

Em Minas, praticamente toda cidade tem um monte de faculdades, um monte de atléticas, é absurdo”.

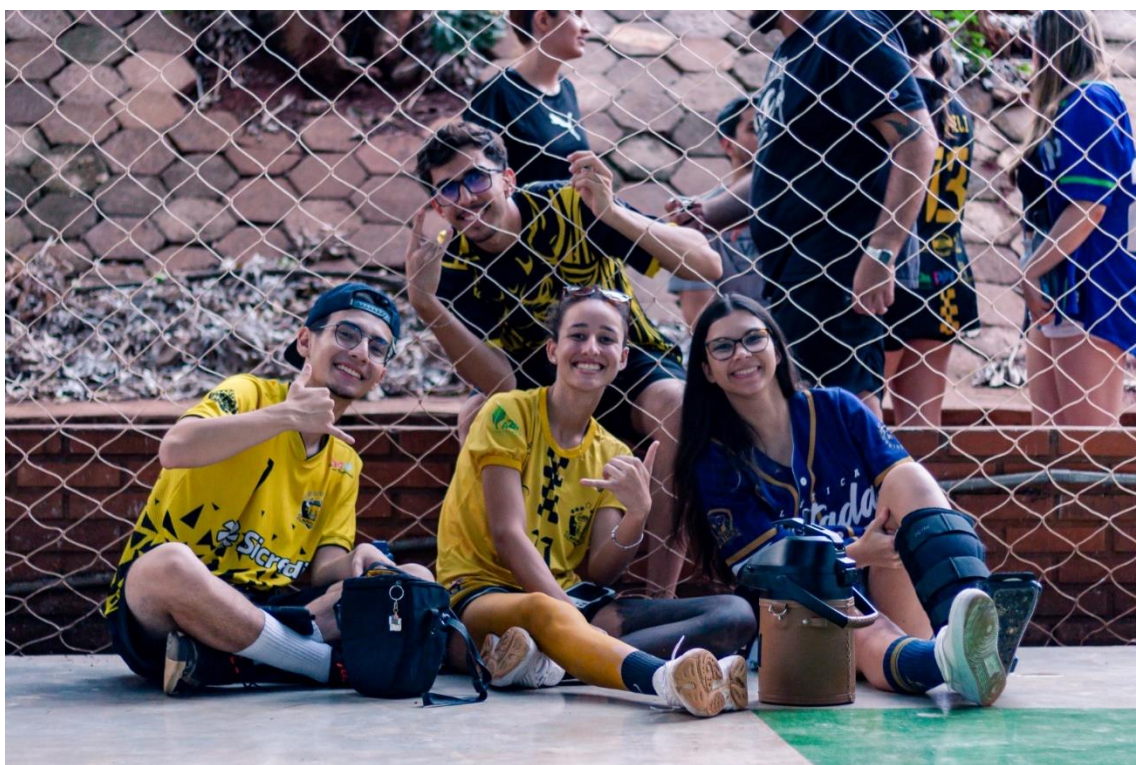
Na UFMS, o crescimento seguiu lógica semelhante. Gabriel Fernandes, que entrou na AaaEng como aprendiz e chegou à presidência, acompanhou de perto a evolução do cenário.

“Eu entrei em 2018 e nunca mais larguei. Passei por aprendiz, vice, presidente, diretor-geral de esporte e, quando saí, fiquei como conselheiro. De lá para cá, vi várias gerações de atlética passarem, cada uma com uma cabeça diferente”, resume.

A AaaEng passou a disputar o Engenharíadas Paranaense, competição que reúne atléticas do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. A comparação escancara a desigualdade de estrutura. “Lá, a gente vê duas realidades. Tem atlética muito grande, com muito apoio, com uma estrutura surreal. Eles contam que a universidade fornece ônibus, que têm quadra, piscina, tudo dentro da faculdade. É outra realidade”, relata. Ao mesmo tempo, nem todas conseguem se manter. “Desde o nosso primeiro ano, em 2019, até a edição

de 2025, a gente viu três, quatro atléticas saírem da liga por questão financeira.”

Mesmo assim, a AaaEng conquistou respeito dentro da liga. “A nossa atlética é uma das que vêm de mais longe para jogar o Engenharíadas Paranaense. A gente se mantém com muita dificuldade, mas é bem respeitado pelo nível esportivo.” Os resultados confirmam a avaliação: títulos em modalidades coletivas e individuais, disputados com atléticas de cidades muito maiores.



Torcida acompanhando o JiuFMS - Foto: Laura Bittar

Atletas que elevam o nível

Se Lucas e Gabriel representam a construção estrutural das Atléticas no esporte universitário, Maria Eduarda Marcondes, a Duda, representa aquilo que acontece quando toda essa engrenagem funciona: desempenho, projeção e protagonismo.

Nadadora desde os nove anos, ela chegou à universidade já com uma trajetória consolidada. *“Eu comecei a competir em 2014 e entrei na faculdade em 2022. Quando ingressei no ensino superior já tinha mais de 200 medalhas”*, lembra.

Na base, chegou a finais de Campeonato Brasileiro, com quinto e sexto lugares nos 200m e 100m peito.

No ambiente universitário, porém, o salto foi ainda maior. Representando instituições em que estudou estudou e a AaaEng, acumulou mais de 35 medalhas entre 2022 e 2025, passando por Jiufms, Jogos Interatléticas de Mato Grosso do Sul (JIMS), Engenharia das Paranaense, JUBs e JUBs Atléticas. Em 2025, subiu diversas vezes ao lugar mais alto do pódio, com ouro nos 50m peito, 100m peito, 200m medley e 100m livre, além de pratas e bronzes em provas de velocidade.

A estreia no principal palco do

esporte universitário brasileiro não foi como imaginou.

“Eu fui achando que ia ganhar medalha em tudo, porque tinha visto os resultados anteriores e parecia tranquilo. Chegando lá, tinha medalhista brasileira, medalhista absoluta, gente que já tinha ido para Sul-Americano. Eu me surpreendi muito”, admite. Ainda assim, terminou entre as oito melhores em provas decisivas.

Se o alto rendimento a colocou entre os destaques, foi o ambiente universitário que ampliou sua rede de relações. *“É uma competição muito legal. Acho que todo mundo que puder ir tem que ir. Você conhece gente do Brasil inteiro, de todos os esportes. Até de Campo Grande mesmo, eu conheci*

muita gente lá. É um ambiente diferente de qualquer outro campeonato.”

Hoje, calcula que *“80% das pessoas que eu conheço foi por causa da atlética”*. A rotina de treinos e competições tornou-se parte central de sua experiência universitária. *“Eu queria ter mais tempo para nadar, porque é difícil conciliar prova, estágio, engenharia. Mas sempre que dá eu vou para a piscina, até para esquecer um pouco da faculdade.”*

Duda também passou a despertar interesse de estudantes que nunca haviam tido contato com a natação. *“Muita gente começou a aprender a nadar porque eu chamava para competir, principalmente para montar revezamento. Como geralmente não tem muita gente, eles se animaram para tentar.”* Nas piscinas, veteranos de base e iniciantes dividem raias em provas de 50m e 100m.

Para Gabriel Fernandes, esse é um dos efeitos mais transformadores do esporte universitário. *“Às vezes a pessoa sai do ensino médio que mal tem educação física e só vai ter contato de verdade com esporte na faculdade. Ela entra na atlética, começa a treinar, se apaixona e depois acaba jogando pela universidade.”*



Medalhas conquistadas por Duda no Jubs Atléticas - Foto: Reprodução/Arquivo Pessoal

Quando a festa vira estrutura: o motor financeiro das Atléticas

Se, no esporte, as Atléticas criaram identidade, nas festas elas encontraram a base financeira capaz de sustentar treinos, viagens, uniformes, bandeiras e materiais esportivos.

A engrenagem que permitiu que muitas entidades crescessem de forma acelerada nos anos 2010 foi construída na noite: nas festas open bar.

A migração das confraternizações pequenas para eventos de grande porte não aconteceu de forma planejada. Foi orgânica, e, muitas vezes, acidentada. O fundador das Engenharias da UFMS, Bruno Oliveira, lembra que sua primeira experiência já trouxe um aviso: fazer festa não seria tarefa simples.

“A primeira Calourada que organizei já mostrava que eu não tinha a menor ideia de como fazer festa. Sobraram seis litros. Era o meu cálculo de cerveja: entre 1,75 e 2 litros por pessoa.”

Ainda assim, o imprevisto não impediu o evento de seguir em frente. Pelo contrário, a falta de experiência era rapidamente compensada por disposição. Bruno conta que, tentando transportar cadeiras plásticas compradas no atacado, acabou capotando o carro na estrada de chão atrás da Gráficas. O tom é cômico, mas o prejuízo foi real.

“Para montar a estrutura, eu cheguei a capotar o carro do meu tio

levando cadeiras de plástico. O prejuízo foi de quatro mil reais. Aquilo já era um sinal de que eu não deveria mexer com evento.”

Mesmo assim, ele continuou. E, à medida que o movimento crescia, a reputação das festas também. A transição da informalidade para uma operação cada vez mais profissionalizada foi inevitável.

“Com o tempo, a Atlética ganhou reputação de fazer festa boa, segura e com público. A gente fazia tudo certinho, com alvará em dia. Quando a polícia chegava, eu apresentava toda a documentação.”

Esse amadurecimento interno permitiu que as festas deixassem de ser apenas encontros universitários: passaram a financiar resultados esportivos. O lucro dos eventos, sobretudo da tradicional Manicômio da Engenharia, viabilizava viagens e estrutura.

“O resultado do nosso título no desafio de bateria e do vice-campeonato no Engenhariadas Mineiro, em 2015, só foi possível porque a Manicômio deu um lucro muito grande. Foi esse dinheiro que bancou atletas e ritmistas para viajar.”

Enquanto Bruno consolidava o formato de grandes eventos, em outras Atléticas histórias semelhantes se desenhavam. O caso de Matheus Murça, o “Café”, hoje produtor de eventos, e DJ mostra como esse processo se repetia.

Seu primeiro evento, como diretor da Atlética da Educação Física, foi em parceria com Artes Visuais, parecia promissor: cerca de 200 pessoas confirmadas numa época em que isso representava muito. Mas a festa mal tinha começado quando dois camburões chegaram à porta.

“Na primeira festa que organizei, trouxemos cerca de 200 pessoas, o que já era muito na época. No meio do evento, chegaram dois camburões e o policial disse: ‘Você tem meia hora para tirar todo mundo daqui’.”

Mesmo assim, ele não desistiu. A pequena renda obtida reforçou o ânimo da Atlética para continuar tentando.

“Aquilo tinha tudo para me fazer desistir, mas foi a primeira vez que a Atlética conseguiu um dinheiro que permitia comprar material. Isso motivou todo mundo a continuar.”

Foi nesse contexto que surgiu a Educаралho, uma das festas mais tradicionais da Atlética de Educação Física.

“Na primeira edição da Educаралho tivemos cerca de 700 pessoas. Para a nossa realidade, foi um absurdo.”

A profissionalização também passou pelo aperfeiçoamento dos cálculos e controles internos:

“Hoje o cálculo é técnico: usamos uma média de 1,2 litro de cerveja por pessoa quando há

duas bebidas disponíveis no open bar.”

Com mais organização, os números começaram a escalar. As grandes festas que hoje marcam o calendário universitário movimentam cifras que, até poucos anos atrás, seriam impensáveis.

“Nas últimas edições movimentamos cerca de 130 a 140 mil reais. Uma festa grande de atlética custa entre 80 e 100 mil.”

Mas Café mostra que nem tudo vira caixa: parte significativa do lucro se transformava em patrimônio esportivo — uma estratégia para impedir que o dinheiro se perdesse em gastos dispersos.

“Antes de sair da Atlética, eu não queria deixar o dinheiro parado. Então investimos em coisas permanentes: compramos um bandeirão de 7 por 7 metros, uma bola de vôlei Mikasa e uma identidade visual nova.”

Com o passar dos anos, as festas deixaram de ser apenas um mecanismo interno de sustentabilidade e se tornaram, para muitos, uma porta de entrada no mercado de eventos. Café, por exemplo, iniciou sua carreira como DJ dentro da

própria Atlética e hoje atua como produtor profissional.

Mas o cenário mudou. A geração universitária de 2020 não tem a mesma relação com festas que a de 2010, e essa mudança se reflete diretamente no público:

“Os calouros já não vão às festas como antes. A nova geração prefere ficar em casa ou optar por rolês mais leves. Isso afeta diretamente os eventos das Atléticas.”

Outro problema é a saturação do calendário: com mais de 20 Atléticas na UFMS, é comum haver múltiplos eventos no mesmo mês, competindo pelo mesmo público.

“Tem mês em que acontecem quatro, cinco, seis festas. É muita festa para pouco público, complica a venda de ingresso.”

A solução, segundo Café, passa por reorganizar o calendário de forma conjunta:

“Se algumas Atléticas que fazem quatro festas por ano fizessem duas bem feitas, teriam o mesmo resultado, com menos desgaste e mais público.”

Mas, além da mudança geracional e da

saturação, Campo Grande enfrenta um obstáculo mais estrutural: a cidade não oferece locais adequados para eventos universitários. É um gargalo que afeta diretamente o movimento.

“Campo Grande é uma cidade péssima para fazer evento. Não temos local adequado. Quando tentamos usar o que existe, aparecem reclamações, denúncias e fiscalização.”

Sem espaços próprios, a alternativa tem sido improvisar em chácaras, salões e estruturas particulares, quase sempre com alto custo ou pouca viabilidade legal.

“Se o poder público quisesse resolver os problemas do centro, teria investido em um espaço projetado para esse tipo de evento. Como não existe, a gente se vira com o que tem.”

E quando existe estrutura adequada, o preço inviabiliza:

“Uma chácara para três mil pessoas custa entre oito e dez mil reais. O ExpoBosque cobra doze mil por dia. Se você precisa de quatro dias para montar, realizar e desmontar, vira 48 mil só de aluguel.”

Quando a Atlética faz o dinheiro girar

A profissionalização das festas e a ampliação das atividades das Atléticas abriram caminho para outra etapa do movimento estudantil em Campo Grande: a circulação de dinheiro dentro e fora dos muros das universidades.

À medida que as entidades passaram a organizar competições maiores, adquirir materiais esportivos e financiar viagens interestaduais, o impacto econômico começou a se estender para além do ambiente universitário.

Cada campeonato, treino ou festa mobiliza fornecedores, serviços e pequenos negócios locais, formando uma cadeia que envolve desde aluguel de espaços até compra de alimentos, uniformes e equipamentos.

Com o tempo, essas práticas passaram a incorporar mecanismos simples de gestão, com planilhas, controles de fluxo e metas de venda que permitiam reduzir riscos e ampliar a previsibilidade financeira das ações.

Esse processo também abriu oportunidades para estudantes que atuavam dentro das Atléticas e passaram a enxergar demandas que não eram atendidas por empresas tradicionais. O empresário Matheus Cardoso é um desses casos. Ele iniciou a trajetória como atleta da Atlética de Direito (AAADU) da Uniderp, tornou-se diretor, vice-presidente, presidente e

conselheiro e, ao longo dessa experiência, identificou a ausência de operadores especializados em alimentação durante os campeonatos.

Cardoso estruturou uma operação voltada para praças de alimentação em jogos universitários, atendendo eventos locais e interestaduais. Segundo ele, foram cerca de oito competições, com faturamento bruto na casa dos cinco dígitos. O modelo envolve fornecedores de carne, pão, gelo, bebidas, gás e estrutura, além de contratação de equipe temporária, criando um circuito de serviços associado diretamente às demandas das Atléticas.

Do outro lado dessa dinâmica, empresas também passaram a observar as entidades como canais de aproximação com o público jovem. Um dos exemplos é o do gerente do Sicredi União, Vinícius Batistella, que conheceu o ambiente atleticano ainda antes de ingressar no ensino superior. *“Meu primeiro contato foi com 17 anos, quando um amigo entrou na faculdade. Na recepção de calouros, os integrantes da Atlética abraçaram ele e me abraçaram junto, mesmo eu nem fazendo parte ainda”*, lembra.

Já no setor financeiro, Batistella articulou, em 2022, um dos primeiros patrocínios de uma instituição bancária às Atléticas e ao Jiufms, no valor aproximado de R\$ 45 mil.

O objetivo da iniciativa, segundo ele, era estabelecer uma relação de longo prazo com estudantes que estavam entrando no sistema financeiro.

“Desde o começo, a gente sabia que não teria um retorno financeiro rápido. Nosso objetivo era nos apresentar para esse público jovem”, afirma.

A proposta foi validada internamente com base em sua própria experiência como universitário. *“A forma como eu enxergo as Atléticas é muito positiva. Me formou como pessoa, me ajudou na oratória, nas relações, em saber entrar e sair dos lugares. Quando apresentei isso para a chefia, foi algo natural”*, diz. O patrocínio permitiu levar a marca para dentro das quadras e para materiais de divulgação de campeonatos locais.

A circulação financeira associada às Atléticas, seja por meio de festas, campeonatos, viagens ou patrocínios, consolidou um setor que opera de maneira informal, mas com impactos perceptíveis na economia urbana. A demanda por fornecedores, espaços, produtos esportivos e serviços especializados mostra que o movimento universitário ultrapassou o campo simbólico e esportivo, incorporando uma dimensão econômica que segue em expansão na Capital.

O apoio que sustenta e o que ainda falta

A consolidação das Atléticas como agentes esportivos, sociais e econômicos ampliou não apenas o alcance do movimento, mas também sua necessidade por estrutura. Participar de competições fora do estado, disputar vagas em torneios nacionais, montar delegações, custear ônibus, alojamentos e inscrições passou a exigir uma operação logística que vai além do entusiasmo das diretorias.

Nesse contexto, o apoio institucional — quando existe — se torna um elemento decisivo para a continuidade das atividades.

Na UFMS dos anos 2000, quando as Atléticas ainda davam os primeiros passos, havia uma estrutura modesta, mas suficiente para viabilizar deslocamentos e treinos. Fábio Cordeiro, fundador da Atlética de Medicina, relembra que a universidade disponibilizava transporte e espaços esportivos, como o estádio Moreninho.

“A UFMS ajudava muito. A gente tinha ônibus pra viajar, tinha apoio pra usar o Moreninho, tinha espaço pra treinar. Isso foi fundamental no começo”, afirma.

Com o crescimento acelerado do movimento na década de 2010, porém, essa estrutura não acompanhou o ritmo. As Atléticas multiplicaram times, eventos e

competições, enquanto o suporte institucional permaneceu limitado. Em muitos cursos, a montagem das primeiras equipes ocorreu sem quadras, sem material esportivo e sem qualquer auxílio financeiro.

A experiência da Enfermagem ilustra esse cenário. *“A principal dificuldade que enfrentamos foi o apoio. Porque a faculdade não apoiava a gente em nada. Demorou muito pra começarem a dar material, disponibilizar quadras...”*, relata Luísa Bruschi.

O mesmo foi observado em modalidades coletivas dentro da própria UFMS. Gabriel Fernandes, da Atlética das Engenharias, aponta a falta de estrutura mínima para equipes representativas da universidade.

“O apoio sempre foi fraco. Hoje, ninguém cuida do futsal masculino da UFMS. É um catado pra jogar seletiva. Não tem investimento, não tem quem organize.”

Apesar das dificuldades, as Atléticas continuaram viajando e competindo em torneios como o



Final de Handball entre AAAENG E AAACOMP no Jiuufms 2024 - Foto: Laura Bittar

Engenhariadas e o TECO, muitas vezes financiadas quase exclusivamente pelos próprios estudantes.

Nos últimos anos, o cenário começou a mudar. Lucas Camargo acompanhou essa transformação de dentro, passando de ex-presidente para dirigente da Federação Universitária de Mato Grosso do Sul (Fuems). *“Antigamente era muito difícil ter ajuda do poder público. A gente tinha que se virar. Hoje, as fundações do Estado e da Prefeitura ajudam muito mais”*, avalia.

Ele cita como exemplo o Jogos Interatléticas (JOIA) da UCDB, cuja edição mais recente foi custeada integralmente pela universidade. *“Arbitragem, local, medalhas. Foi tudo bancado por eles. Antes a gente não tinha*

nada, e isso foi uma construção de várias pessoas até os setores enxergarem a Atlética de verdade e valorizarem”, afirma.

A percepção institucional acompanha esse movimento. O diretor-presidente da Fundação de Desporto e Lazer de Mato Grosso do Sul (Fundesporte), Paulo Ricardo Núñez, explica que o Estado passou a incluir o esporte universitário em seu planejamento a partir de 2015, estruturando apoio a torneios regionais e eventos organizados por atléticas. *“A gente ajuda há vários anos na organização de torneios, arbitragem e estrutura. É formação esportiva, e isso importa para o estado. O jovem sai dos jogos escolares e precisa ter continuidade*

dentro da universidade”, afirma.

Núñez reconhece, porém, que o apoio não cobre todas as demandas. *“A verdade é que nunca vamos conseguir sanar toda a necessidade. Sempre vai faltar alguma coisa. A gente quer ajudar mais, mas não tem perna pra tudo isso”*, diz.

Ele acrescenta que Mato Grosso do Sul está entre os poucos estados que financiam competições universitárias, mas que entraves burocráticos ainda limitam a participação. *“Hoje as Atléticas estão muito mais organizadas, mas nem todas têm CNPJ ou documentação em dia. Como é dinheiro público, existe burocracia. Às vezes a gente quer ajudar, mas não tem como.”*



Paulo Núñez é o atual diretor-presidente da Fundesporte - Foto: Fernando de Carvalho

O futuro das Atléticas: entre menos gente no campus e mais história para preservar

As Atléticas em Campo Grande cresceram apoiadas em ciclos contínuos de renovação: veteranos ensinavam calouros, práticas eram repassadas e estruturas se mantinham. No entanto, quem acompanhou diferentes fases do movimento relata que, nos últimos anos, esse processo deixou de ser linear. A expansão vista na década de 2010 deu lugar a uma dinâmica marcada por transições geracionais, redução de público nos campi e desafios de continuidade administrativa.

Para Vinícius Bruschi, irmão de Luísa Bruschi, e que foi diretor na Atlética de Computação antes e depois da pandemia, a principal mudança está na interrupção do convívio entre gerações. Ele lembra que, antes de 2020, grande parte dos diretores tinha contato direto com fundadores e primeiros integrantes das entidades.

“Eram pessoas que estavam lá quando tudo ainda era mato. Tiveram que criar jogos, atléticas, bandeiras, times, praticamente do zero. Existia um cuidado diferente, um amor muito grande pelo que tinham construído”, explica.

Com a suspensão das atividades presenciais durante dois anos, esse ciclo foi interrompido. Os campeonatos foram cancelados, festas deixaram de acontecer e o cotidiano

universitário foi transferido para ambiente remoto. *“Quem entrou na faculdade em 2020 só foi conhecer o campus no terceiro ano. A geração mais antiga formou no meio disso, saiu, e o pessoal novo não teve contato com atlética, não viu jogos, não viu festa. A volta foi bem difícil. Muitas Atléticas sofreram para achar gente pra gestão e reconquistar associados”,* relata Bruschi.

Segundo ele, as entidades que conseguiram retomar atividades com mais rapidez foram aquelas que mantiveram parte

O cenário descrito também aparece na avaliação de Gabriel Fernandes, da Atlética das Engenharias. Para ele, a redução do número de calouros presencialmente ativos, a queda no ritmo de festas e as limitações de apoio institucional interferem diretamente no funcionamento das entidades. *“O meio atleticano mudou muito. Os calouros entram com uma mentalidade diferente, o ritmo de festas diminuiu e isso impacta direto nos recursos. A falta de apoio em Campo Grande e no Estado tam-*



Vinícius e sua irmã, Luísa Bruschi, no JIMS 2023

da diretoria anterior, responsável por reorganizar calendário, treinos e comunicação.

bém pesa bastante”, afirma. Mesmo assim, ele aponta que ainda existe um grupo disposto a manter as equipes e rotinas

esportivas. *“O pessoal tenta não deixar morrer, não deixar a peteca cair.”*

Outro elemento que molda o cenário atual é a diminuição de estudantes circulando diariamente nos campi. Para Lucas Camargo, a ampliação dos modelos de ensino a distância e semipresencial consolidou uma mudança estrutural no ambiente universitário.

“Pós-pandemia, as universidades descobriram de vez o EAD e o semipresencial. Isso diminuiu o ‘material humano’. Com menos estudantes circulando no campus, sobram menos opções de gente para compor diretoria, para treinar, para ir em jogo”, avalia.

Além disso, um outro agravante é o aumento da procura pelo vestibular e PASSE da mesma instituição de ensino. O que antes, era quase 100% das vagas em universidades públicas, destinadas ao SISU. Atualmente, esse número caiu pra 70% na UFMS (comparando o edital da prova esse ano com anos anteriores), com a expansão dessas formas de ingresso na instituição.

Ele observa um choque de rotinas entre gerações distintas, mas evita classificações. *“São gerações que se preocupam com coisas diferentes. Mudou a cabeça, mudou a rotina, mudou o jeito de viver a faculdade.”*

A diminuição da presença física também impacta um aspecto que se tornou central para o futuro do movimento: a preservação da memória das Atléticas. A falta de documentação formal, cria um risco de dispersão das informações sobre processos de fundação, diretoria e eventos marcantes.

O fundador da Associação Atlética Acadêmica da Faculdade de Ciências Humanas (FACHAAA), e historiador, Marcos Espíndola, destaca que a ausência de registros formais pode comprometer a própria história das entidades. *“No futuro distante, o principal prejuízo é a perda da história de criação dessas Atléticas. Sem documentação, fica tudo muito na oralidade. E a história de boca a boca pode virar um telefone sem fio, trazer informações que não aconteceram ou relatar fatos de outra forma”, afirma.*

Ele cita episódios em que informações distorcidas circularam dentro da comunidade estudantil, justamente pela falta de uma base escrita. *“Teve gente que comentou que a gente tinha expulsado vários diretores porque não concordava com eles, quando, na verdade, foi a galera que resolveu sair por causa da pandemia. Sem registro, a memória fica pouco confiável”, explica.*

Marquinhos observa que até eventos recentes já geram dúvidas entre participantes. *“Às vezes eu tenho dúvida: fiquei na presidência em 2021 ou saí em 2022? Quando joguei, foi no primeiro JiuJitsu de 2017 ou 2016? Sem documentação, histórias e conteúdos interessantes podem acabar se perdendo ao longo das gerações”, afirma.*

Entre a memória de quem viu o “tempo em que tudo era mato” e a realidade de corredores mais esvaziados, o futuro das Atléticas em Campo Grande parece depender de três frentes que se cruzam o tempo todo. A primeira é a capacidade de reorganização interna, com entidades que consigam formar lideranças, registrar a própria história e adaptar modelos antigos a um campus menos cheio. A segunda é o reconhecimento institucional, envolvendo universidades e poder público na compreensão de que os jogos universitários e as Atléticas fazem parte da política de juventude, esporte e formação cidadã. A terceira, talvez a mais decisiva, é a disposição da nova geração para assumir responsabilidades que não cabem em horário de aula, assumir risco financeiro, lidar com burocracia e transformar afinidade em projeto coletivo.

O que a Atlética deixa na vida de quem passa por ela

Quando os campeonatos terminam, as arquibancadas esvaziam e os instrumentos das baterias são guardados, as Atléticas continuam presentes de outra forma: na memória de quem integrou o movimento. As narrativas variam entre jogos decisivos, viagens longas, reuniões de diretoria ou situações inesperadas, mas carregam um elemento comum, a percepção de que a experiência universitária se ampliou por meio da convivência atlética.

Na Enfermagem, Luísa Bruschi, resume sua passagem por dois episódios emblemáticos. O primeiro ocorreu no Jufms, em um jogo contra a Canaaa. *“Eu lembro de olhar em volta e ver todo mundo torcendo pela Magaaa. A gente perdeu o jogo por dois gols, mas foi ali que a Atlética ganhou visibilidade. Saí com a sensação de dever cumprido naquele ano”*, relata.

O segundo marco foi a viagem. O Rio de Janeiro, onde disputou competições nacionais da área. A rotina simples do alojamento e o convívio contínuo fortaleceram vínculos que ultrapassaram a graduação.

A participação na Atlética também influenciou seu caminho profissional. Ao assumir a presidência, Luísa teve o primeiro contato com atas, orçamentos e mediação de conflitos. *“Na Atlética, descobri que gostava de gestão. Percebi que tinha jeito para liderança e para resolver parte burocrática. Isso me levou a buscar serviços administrativos e fazer pós em auditoria”*, afirma.

O irmão dela, Vinícius Bruschi, chegou à Atlética antes mesmo de entrar na universidade, acompanhando a criação da entidade da Enfermagem. Quando ingressou no curso de Computação, já sabia que buscava ali uma válvula de escape da rotina acadêmica. Iniciou como estagiário, tornou-se diretor de eventos, diretor de produtos, vice-presidente e, por fim, tesoureiro. Entre as lembranças mais marcantes está uma reunião na casa do então presidente. *“Eu não conhecia quase ninguém, cheguei tímido e vi aquela galera conversando e planejando coisas para a Atlética, sem ganhar nada por isso. Ali entendi como funcionava.”*

Em 2022, a Atlética de Computação alcançou seu melhor desempenho no Jufms, ficando em segundo lugar geral. *“Foi a primeira vez que a Atlética subiu ao pódio. Parecia que todo o trabalho desde que entrei tinha se materializado num troféu”*, afirma.

A Atlética também permitiu a ele vivenciar algo pessoalmente significativo: ser treinado pelo próprio pai, técnico de handebol. *“Joguei jogos com meu pai me orientando. Foi uma experiência que eu achava que nunca teria.”*

No Jornalismo, o impacto aparece na percepção de João Marcelo Sanches. Ele lembra que, antes de estruturar a entidade, a rotina era restrita a aulas e círculos pequenos de convivência. *“Minha experiência na faculdade tem um antes e um depois da Atlética. Eu fiz amizade com gente que jamais teria conhecido”*, afirma. A memória mais vívida está no Jufms em que a Atlética conquistou suas primeiras medalhas com um único atleta, Raul, nas provas de natação. *“Ele ganhou duas provas e colocou a gente em segundo lugar geral na*

modalidade. Ali a Atlética encontrou seu primeiro ídolo”, lembra.

Para Marcos Espíndola a estreia oficial da atlética em quadra, em 2019, marcou ele. *“Quando a gente entrou em quadra pela primeira vez como FACHAAA, depois de todo um ano buscando atleta, material e organização, eu pensei: conseguimos fazer sair do papel.”*

Mesmo fora da diretoria, ele acompanha o curso da entidade. *“A Atlética continua participando de jogos, formando atletas e organizando atividades. Ela continua existindo e dando frutos. Isso me deixa orgulhoso.”* Ele também avalia que experiências vividas no movimento moldaram competências usadas na vida adulta. *“Empreender é tomar decisão, e na Atlética isso acontecia o tempo todo. Escolher uniforme, definir festa, resolver imprevistos. Isso fez diferença para muita gente.”*

Fora das quadras, o impacto aparece em trajetórias como a de Grazi, proprietária do Batata +, bar que se tornou ponto de encontro das Atléticas. Ela atribui ao movimento boa parte da sustentabilidade do negócio. *“Minha ligação com as atléticas nunca vai morrer. São meus clientes, são eles*

que me sustentam. Sem eles, eu não sou nada”, afirma.

Já para Matheus Murça, o legado está nos momentos cotidianos. *“A melhor coisa que eu levo da Atlética são os bons momentos da diversão. As conversas, as piadas, a convivência. Era uma forma de lidar com as frustrações da graduação”, explica.*

Ele lembra especialmente a sensação experimentada ao final das festas que organizava. *“Quando acabava o evento, quase cinco da manhã, eu olhava o pessoal indo embora e pensava: conseguimos entregar mais uma. Era um alívio e uma satisfação muito grande.”*

Em comum, todas essas trajetórias mostram que, por trás de mascotes, gritos de guerra e camisas personalizadas, a Atlética funciona como um laboratório de vida. É espaço de gestão para quem descobre que gosta de liderança; de escape para quem precisa respirar longe das provas; de afeto para quem encontra amigos que atravessam décadas; de família para quem, como Vinícius, pôde dividir quadra com o próprio pai; de pertencimento para quem, como João, descobriu um campus novo depois de vestir uma

camisa com número e nome nas costas.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "A-tlé-ti-ca: como o movimento atlética surgiu e se consolidou em Campo Grande".

Acadêmico: Fernando de Carvalho Correa Chaves

Orientador: Mário Luiz Fernandes

Data: 28/11/2025

Banca examinadora:

1. Kárita Emanuelle Ribeiro Sena
2. Lucas Souza da Silva

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca recomenda ampla revisão da apresentação estética da reportagem; ajustes no relatório quanto aos aspectos metodológicos das entrevistas; revisão textual. A banca também recomenda a publicação em revista acadêmica/científica.

Campo Grande, 28 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Mario Luiz Fernandes, Professor do Magisterio Superior**, em 28/11/2025, às 15:44, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 28/11/2025, às 15:51, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6058647** e o código CRC **D18931F0**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6058647